

vem .

vem .

nho :

pão .

dispa:

S

panha

S

o triã

O caç

PLUFT. O FANTASMINHA

Premiada pela Associação Paulista de Críticos Teatrais

I ATO

PERSONAGENS:

Sebastião {
Julião { 3 marinheiros amigos
João {
Mãe Fantasma
Pluft, o fantasmilha
Gerândio, tio de Pluft
Perna de Pau, marinheiro pirata
Maribel, menina

"Pluft, o fantasmilha" foi levado pela primeira vez pelo *Tablado*, no Rio de Janeiro, em setembro de 1955, com cenário de Napoleão Moniz Freire, costumes de Kalma Murtinho, sonoplastia de Edelvira Fernandes e Martha Rosman; corneta, Jean Pierre Fortin; caracterizações de Fred Amaral; fantasmas de Mário Cláudio da Costa Braga; direção de Maria Clara Machado. Personagens: Carmen Silvia Murgel, Kalma Murtinho, Germano Filho, Vânia Velloso Borges, Emilio de Mattos, Eddy Rezende, João Augusto e Roberto Cieto.

PRÓLOGO

O prólogo se passa à frente da cortina. Pela esquerda surgem os 3 marinheiros amigos, meio bêbados, cantando. O da frente é Sebastião, o mais corajoso. Leva um tóco de vela aceso ou um lampião. Segue-se Julião, segurando uma garrafa. Por fim, João, segurando um mapa. Deve-se ouvir a canção antes de avistá-los.



*Ainda era uma criança,
Quando saiu para o mar
A aprender a navegar
O Capitão Bonança!*

*Depois morreu no mar,
Deixou de navegar.
Onde está a herança
Do Capitão Bonança!?*

Quando aparecem no palco, devem estar acabando o canto.

SEBASTIÃO

Deve ser aqui! Veja no mapa, Julião!

JULIÃO

Veja você, Sebastião. (Troca o mapa pela vela do Sebastião.)

SEBASTIÃO

É melhor o João ver; João é o encarregado do mapa.
(Troca a garrafa com João e bebe um traguinho. Fazem várias vezes este jogo de trocar.)

JOÃO

(Com o mapa) Uma casa perdida na areia branca
perto de um mar verde... Deve estar por perto... Pega-
na luneta, Julião.

JULIÃO

(Olhando pelo gargalo da garrafa) Estou vendo um
mar calmo com algumas ondinhas brancas.

SEBASTIÃO

Então vamos!

JOÃO

(Desanimado) Já andamos muito! Pobre Maribel!

JULIÃO

Pobre Maribel!

SEBASTIÃO

Pobre Maribel!

(Os três se abraçam e sentam-se no chão.)

SEBASTIÃO

(Levantando-se) Precisamos salvar a neta do nosso
grande capitão Bonança!

JOÃO

(Mesmo) Precisamos achar o tesouro da neta do
grande Capitão Bonança!

JULIÃO

Precisamos pegar o ladrão do tesouro da neta do
grande capitão Bonança!

SEBASTIÃO

Viva o grande capitão Bonança!

TOCOS

Vivaaaa!

SEBASTIÃO

(Para Julião) Vamos!

JULIÃO

(Para João) Vamos!

JOÃO

(Para alguém imaginário que o segue) Vamos!
(Os três recomeçam a cantar e saem pela direita, des-
cendo o proscênio.)

Fim do prólogo

ATO ÚNICO

Cenário:

Um sótão. À direita uma janela dando para fora de onde se avista o céu. No meio, encostado à parede do fundo, um baú. Uma cadeira de balanço. Cabides onde se vêem, pendurados, velhas roupas e chapéus. Coisas de marinha, Cordas, cordões. O retrato velado do capitão Bonança. À esquerda, a entrada do sótão.

Ao abrir o pano, a Senhora Fantasma faz tricô, balançando-se na cadeira, que range compassadamente. Pluft, o fantasminha, brinca com um barco. Depois larga o barco e pega uma velha boneca de porco. Observa-a por algum tempo.

PLUFT

Mamãe!

MÃE

O que é, Pluft?

PLUFT

(Sempre com a boneca de porco) Mamãe, gente existe?

MÃE

Claro, Pluft, claro que gente existe.

PLUFT

Mamãe, eu tenho tanto medo de gente! *(Larga a boneca.)*

MÃE

Bobagem, Pluft.

PLUFT

Ontem passou lá em baixo, perto do mar, e eu vi.

MÃE

Viu o que, Pluft?

PLUFT

Vi gente, mamãe. Só pode ser. Três.

MÃE

E você teve medo?

PLUFT

Muito, mamãe.

MÃE

Você é bôbo, Pluft. Gente é que tem medo de fantasma e não fantasma que tem medo de gente.

PLUFT

Mas eu tenho.

MÃE

Se seu pai fosse vivo, Pluft, você apanharia uma surra com esse medo bôbo. Qualquer dia dístes eu vou te levar ao mundo para vê-los de perto.

PLUFT

Ao mundo, mamãe?!!

MÃE

É, ao mundo. Lá em baixo, na cidade...

PLUFT

(Muito agitado vai até a janela. Pausa.) Não, não, não. Eu não acredito em gente, pronto...

MÃE

Vai sim, e acabará com estas bobagens. São histórias demais que o tio Gerúndio conta para você. *(Pluft corre até um canto e panha um chapéu de almirante.)*

PLUFT

Olha, mamãe, olha o que eu descobri! O que é isto?!!

MÃE

Isto tio Gerúndio trouxe do mar. *(Pluft fora de cena continua a descobrir coisas, que vai jogando em cenários: panos, roupas, chapéus, etc.)*

PLUFT

Por que tio Gerúndio não trabalha mais no mar, hein, mamãe?

MÃE

Porque o mar perdeu a graça para ele...

PLUFT

(Sempre remexendo, descobre um espartilho de mulher.) É isto, mamãe, *(aparecendo)* que é isso? Ele trouxe

isto também do mar? *(Coloca o espartilho na cabeça e passeia em volta da mãe.)*

MÃE

Pluft, chega de remexer tanto nas coisas...

PLUFT

(Larga o espartilho no chão e passeia na cena à procura do que fazer.) Vamos brincar, tá bem? Finge que eu sou gente. *(Veste-se de fraque e de cartola.)*

MÃE

(Sem vê-lo) Chega de fazer desordem, meu filho. Você acaba acordando tio Gerúndio. *(Ela olha para o baú.)*

PLUFT

(Pé ante pé, chega por detrás da cadeira da mãe e grita.) Uuuuh! *(A mãe leva um grande susto e deixa cair as agulhas e o tricô.)* Eu sabia! Eu sabia que você também tinha medo de gente. Peguei! Peguei! Peguei mamãe com medo de gente... peguei mamãe com medo de gente!...

MÃE

(Procurando de gatinhas os óculos e o tricô.) Pluft, você quer apanhar? Como é que eu posso acabar o meu tricô para os fantasminhas pobres, se você não me deixa trabalhar? *(A mãe volta à cadeira bufando e Pluft volta à janela pensativo.)*

PLUFT

Eu não iria nem a pau.

MÃE

Onde, Pluft?

PLUFT

Trabalhar no mar. Tenho medo de gente e de mar também. É muito grande e azul demais... (De repente Pluft se assusta) Oh! (Corre até a mãe sem voz e torna à janela) Mamãe, olha lá, liiii... Estão vindo! (Corre e senta-se no colo da mãe) Mamãe, mamãe, acode!! Eles, estão vindo... vindo do mar... e subindo a praia.

MÃE

(Desvendilhando-se de Pluft, que continua agarrado à sua saia, dirige-se até a janela) Não é possível. Desde que nos mudamos para cá ninguém subiu aqui! (pausa) É verdade. Lá vêm eles. (Dirige-se rapidamente para um canto, de onde tica um telefone) Zero-zero-zero-zero, alô, prima Bôlha? (Tôda a vez que a Sra. Fantasma fala ao telefone ouvem-se em resposta barulhos de bôlhas d'água, o que é conseguido soprando palavras por um tubo de borracha dentro d'água) Sou eu. Olha, uma surpresa hoje, aqui. Adivinha só. Gente! Ainda não sei. Sim... sim... Telefone, querida. Adeus, meu bem, eles estão se aproximando. Vem, Pluft.

PLUFT

(Tremendo) Que medo... que medo... que medo...

MÃE

(Abrindo o baú) Acorda, Gerúndio. Vem gente!

GERÚNDIO

(Levantando-se, espreguiçando) Uuuuu! Tô com um sono!...

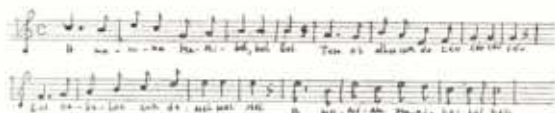
PLUFT

De verdade, tio Gerúndio. Gente mesmo. O mundo todo vem aí!

GERÚNDIO

(Sonolento) Tô com um sono!... (Fecha a tampa do baú e desaparece, roncando.)

(Pluft e a mãe põem-se a escutar. Ouve-se barulho de passadas pesadas. Os dois desaparecem. Ouve-se o canto do marinheiro Perna de Pau.)



A menina Maribel, bel, bel!
Tem os olhos côr do céu, céu... céu...
E os cabelos côr de mel... mel... mel...

(Pela porta do sótão entea um marinheiro meio velho e forte, empurrando uma menina frágil amarrada pelas mãos e com um lenço vermelho passado na bôca. O velho marinheiro amarra a menina à cadeira, e tira um mapa da sacola que leva nas costas.)

PERNA DE PAU

É aqui mesmo. Foi aqui que o Capitão Bonança escondeu o tesouro! (Corre até a janela) Aquêles três patetas nunca descobrirão esta casa. Então eles queriam ser mais espertinhos do que o marinheiro Perna de Pau, hein? Queriam salvar a netinha do Capitão, hein? Mas o Capitão Bonança Arco-Iris morreu e quem vai entrar no tesouro sou eu! Está ouvindo? Sou eu. Então o vovô Bonança pensou que podia deixar o mapa do tesouro com a netinha e com os três patetas, hein? Ah! ah! ah! Então o capitão-vovô não sabia que o marinheiro Perna de Pau estava à espreita? Há dez anos que eu espero. Estou cansado, também, ora... Sabem lá o que é esperar 10 anos

pelo tesouro do navio fantasma? *(Começa a procurar)*
Aqui está o chapéu do Capitão Bonança! *(Põe o chapéu e faz continência, depois, aos brados, imitando capitão de navio)* Levantar velas! Carrega punhos aos papa-figas! Afrouxar a bujarrona! Entra a bombordo, agüenta a guinada! Ah! ah! ah! Agora o capitão sou eu... *(Escurece de repente)* Que é isto? *(Vai à janela)* Ainda é cedo, sol dorminhoco! Que escuro! Oh! eu me esqueci de trazer a lanterna. Temos que achar o tesouro. *(Procurando na sacola)* Quem tem uma lanterna? *(Para a menina)* Você tem? *(Ela faz que não)* *(À platéia)* E vocês aí, têm lanterna? Não? Ora... *(Mal humorado)* Então preciso ir até a cidade buscar uma lanterna. Você vai ficar aí presa na cadeira. Mas não precisa fazer essa cara de vítima, que o Capitão Perna de Pau é bonzinho... Ele não vai te matar, não... ele vai... ele vai casar com você... Vamos comprar outro navio e vamos navegar... navegar... navegar... *(Faz a mímica de um barqueiro remando)* Ninguém te achará nunca! A neta do Capitão Bonança vai navegar com o Capitão Perna de Pau... Vou buscar a lanterna e já volto... Navegar... navegar... navegar... *(Dá uma gargalhada e sai assobiando a "Menina Maribel".)*

(A menina começa a chorar baixinho, desvencilha-se da cadeira, tira a mordaca e corre até a janela.)

MARIBEL

Socorro! Socorro! Socorro! João! Julião! Sebastião! meus amigos... me salvem! *(Sempre choramingando, Maribel com muito medo procura conhecer o sótão, olhando amedrontada para todos os lados; Pluft, que estava à espreita, aproxima-se devagarinho e muito receoso.)*

PLUFT

Oh!

(A menina ao ver Pluft desmaia.)

MÃE

(Chegando) Ora, Pluft, quem mandou você aparecer? ... assustou a menina ...

PLUFT

(Agarrando-se à saia da mãe) E agora?

MÃE

(Coloca a menina na cadeira) Agora temos que esperar que ela volte do desmaio. Coitadinha! (Saindo) Vou procurar algum remédio para desmaio de gente. Fica aí tomando conta dela.

PLUFT

(Segurando a mãe) Eu?!

MÃE

(Voltando-se) Você, sim.

PLUFT

Mas eu tenho medo de gente, mamãe!

MÃE

Você tem medo dela?

PLUFT

Dela ... muito não. Mas dele, tenho, sim! ...

MÃE

(De dentro) Ele não volta tão cedo. A cidade é muito longe. (Pluft fica na dúvida, vendo se segue a mãe ou não. Por fim, na ponta dos pés trata de observar a menina com

curiosidade e medo. Um momento a menina se mexe e Pluft sai correndo, quase sem fôlego, voltando depois para tornar a observá-la. Pega nos cabelos da menina e sente prazer.)

PLUFT

Gente é engraçado! . . . (Continua a observá-la até que a menina torna a mexer-se) Mamãe!

MÃE

(De dentro) Que é, Pluft?

PLUFT

Você está aí?

MÃE

Estou.

PLUFT

(Aliviado) Ah! . . . (A menina torna a mexer-se) Mamãe: quem sabe a gente pega isto aí e joga lá na noite e depois fechamos bem a porta e botamos o baú de tio Gerúndio, com tio Gerúndio e tudo dentro, bem em frente da porta para o marinho não voltar, e ficamos aqui, nós sózinhos, só fantasmas e gente não . . .

MÃE

(De dentro) Pluft, quem te ensinou a ser ruim assim? Foi o tio Gerúndio?

PLUFT

(Sempre olhando a menina em atitude de defesa) Não é ruindade, não, mamãe. É medo!

MÃE

(De dentro) Se seu pai fosse vivo! Que fantasma corajoso ele era. (Aparecendo só de rosto e tornando a

desaparecer) Você quer mesmo jogar esta menina fora pela janela, Pluft?

PLUFT

Acho que não quero não. Mas ela podia bem ir logo embora. (Rodeia a menina, muito aflito) Você não acha, mamãe? (Pluft levanta a cabeça da menina) Oooooooh!

MÃE

(De dentro) O que é, Pluft?

PLUFT

(Radiante) Mas gente é uma gracinha, mamãe . . .

MÃE

(De dentro) Nem sempre, meu filho, nem sempre . . . (Pluft se aproxima e cutuca a menina. Esta torna a se mexer um pouco . . . Pluft se assusta menos. Maribel torna a ver Pluft, se assusta, mas se levanta e fita Pluft, espantada. Os dois ficam, um em frente do outro, guardando certa distância, em atitude de mútua contemplação, Silenciosos, com a respiração presa, ficam assim por algum tempo.)

MARIBEL

(Tenso) Como é que você se chama?

PLUFT

(Tenso) Pluft. E você?

MARIBEL

Eu sou Maribel.

PLUFT

Você é gente, não é?

MARIBEL

Sou. E você?

PLUFT

Eu sou fantasma.

MARIBEL

Fantasma, mesmo?

PLUFT

É Fantasma mesmo. Mamãe também é fantasma.

MARIBEL

(Relaxando) Engraçado, de você eu não tenho medo!...

PLUFT

(Idem) Nem eu de você. Engraçado...

MÃE

(De dentro) Pluft!

PLUFT

É minha mãe. Com licença. Que é, mamãe?

MÃE

(De dentro) Com quem é que você está falando?

PLUFT

Com Maribel.

MÃE

Com quem?

PLUFT

(Gabando-se) Ora mamãe, com gente... *(Aproximando-se mais da menina com ar de velha amizade)* Com Maribel.

MÃE

Ah! Então ela já acordou?

MARIBEL

Mas sua mãe também é fantasma?

PLUFT

Claro, ora! *(Ofendido)* Você queria que ela fosse peixe?

MARIBEL

E seu pai?

PLUFT

Meu pai era fantasma da Ópera.

MARIBEL

Fantasma da Ópera?

PLUFT

É. Trabalhava num teatro grande!... Agora ele morreu. Virou papel celofane. *(Em tom confidencial)* Mamãe não gosta que se fale nisto não. Ela fica muito triste, coitada. Quando papai morreu...

MARIBEL

Virou papel celofane?

PLUFT

É. Quando papai virou papel celofane, a família teve que deixar o teatro e vir morar aqui com tio Gerúndio.

MARIBEL

Quem é tio Gerúndio?

PLUFT

(Puxando-a para o baú.) Tio Gerúndio dorme aqui dentro. Ele era fantasma de navio. *(Os dois se sentam no baú.)*

MARIBEL

Fantasma de navio?

PLUFT

É. Dum navio fantasma. Ele trabalhava à beça...

MARIBEL

Será que era o navio de meu avô, o Capitão Bonança Arco-Iris?

PLUFT

É isto mesmo. Ele é meu tio. O fantasma do navio de seu avô era meu tio.

MARIBEL

Que coincidência, hein?

PLUFT

Que coincidência: seu avô e meu tio trabalharem no mesmo navio!

(Os dois ficam rindo por alguns momentos, contentes com a descoberta mútua. Maribel cutuca o fantasma e acha graça de ele ser diferente dela.)

MARIBEL

(Lembrando-se) Oh! *(Vai até a janela)* O Perna de Pau vai voltar, meu Deus do Céu. Ele quer roubar o tesouro do meu avô e vai me levar para o mar...

PLUFT

(Imitando a mímica do marinheiro) Navegar... Navegar... Navegar... não é?

MARIBEL

(Começando a chorar) Não... não... não... *(Cai sentada à beira da janela.)*

PLUFT

Que lindo! Que lindo! Que lindo!... Mamãe, mamãe... acode aqui... a menina está derramando o mar todo pelos olhos!...

MÃE

(De dentro) Ela está choçando, meu filho.

PLUFT

Que lindo é chorar, mamãe... Também quero!

MÃE

(De dentro) Fantasma não chora, Pluft. Se não derrete. *(Chegando)* Vá buscar um pano para enxugar os olhinhos dela.

PLUFT

(Sai e torna a voltar) Para pegar o choro dela?

MÃE

Ê. *(A mãe fantasma passa a mão na cabeça da menina, que se assusta ao vê-la) Ah! Tinha me esquecido. (Formaliza-se toda para se apresentar. Põe na cabeça um chapéu fora de moda) Sou a mãe de Pluft. (Cumprimentos) Aceita um pastel de vento? (Sai)*

PLUFT

(Chegando com um pano) Toma para você pegar seu choro.

(Dona Fantasma volta com uma bandeja cheia de pastéis imaginários que oferece ao mesmo tempo que come.)

MARIBEL

Muito obrigada, senhora Fantasma, a senhora é muito gentil. Mas estou tão nervosa, que nem posso comer. Tenho medo do marinheiro Perna de Pau. Êle quer roubar o tesouro do vovô Bonança e me levar para o mar. E meus amigos, João, Julião e Sebastião, que vinham para me salvar, desapareceram... *(Desanda a chorar.)*

(Dona Fantasma, muito comovida, mas sempre mastigando, vai saindo meneando a cabeça, mas é interrompida por Gerúndio.)

GERÚNDIO

(Levantando a tampa do baú) Pastel! (Senhora Fantasma chega até êle e oferece. Gerúndio faz que tira uns três e torna a entrar no baú, sempre com sono. Senhora Fantasma sai.)

MARIBEL

Deliciosos os seus pastéis de vento, dona Fantasma!

MÃE

(Aparecendo só de rosto) Não tem de quê.

MARIBEL

Se meus amigos João, Julião e Sebastião não chegam, o Perna de Pau vai me levar para o mar...

PLUFT

Mas onde estão seus amigos?

MARIBEL

Não sei. Na certa estão me procurando aí pela praia...

PLUFT

Quem sabe, tio Gerúndio pode dar um jeito? Êle é tão sabido.

MARIBEL

Será que êle ajuda a me livrar do Perna de Pau?

PLUFT

Vamos perguntar. *(Abre a tampa e chama) Tio Gerúndio! Tio Gerúndio! (Desanimado) Está roncando de sono. (Gerúndio tenta se levantar mas apenas se ajusta melhor para continuar a dormir) Não adianta; êle agora só gosta de dormir e de pastel de vento...*

MARIBEL

(Saindo) Então tenho que fugir depressa.

PLUFT

Sôzinha nesta praia branca?!

MARIBEL

Ê.

PLUFT

Neste escuro preto?!

MARIBEL

É. Já vou, antes que volte o Perna de Pau.

PLUFT

Espera! *(Para e respira fundo)* Pronto! Tomei coragem. Mamãe, mamãe... Eu vou. Eu vou ao mundo procurar os amigos de Maribel. *(Então a mãe.)*

MÃE

(Numa efusão de alegria) Meu filho! *(Abraçam-se)* Se seu pai fosse vivo, ficaria orgulhoso de você. *(Sai rápida.)*

PLUFT

Vou fingindo de gente. Vem me ajudar, Maribel. *(Põe a cartola e o fraque que estão pendurados no cabide, ajudado por Maribel.)*

MÃE

(Chegando com uma malinha) Toma aqui, uns pastéis de vento para vocês comerem no caminho. *(Ajeita o filho)* Cuidado com sol para não te derreteres... Procura o vento sudoeste, que é o mais agradável. Trata de ser um fantasminha decente, sim! Só prega susto naqueles que metecerem. Se encontrares algum outro fantasma assustando alguém, procura outra gente para assustar. Há trabalho para todos. E volta um fantasma de verdade. Tenho certeza que vais gostar do mundo. Abre bem o olho para veres as coisas bonitas que existem por aí e cuida bem da menina.

PLUFT

(De mão dada com Maribel) Sim, mamãe... sim... adeus! *(Toma a bênção da mãe)* Vamos, Maribel, vamos procurar seus amigos.

MARIBEL

Adeus, senhora Fantasma. Voltaremos para procurar o tesouro. Nunca vi família mais simpática, muito obrigada...

PLUFT

Vamos, Maribel... Iiiii! Está me nascendo uma coragem!

MÃE

(Correndo ao telefone) Zero, zero, zero, zero, alô! Prima Bôlha querida, imagine que o meu Pluft resolveu ir!!! Sim, Sim... Tal pai, tal Pluft! Que coragem, hein, prima Bôlha? que coragem!... que coragem... *(Na disparada entram Pluft e Maribel.)*

PLUFT

(Ajoelhando-se aos pés da mãe e agarrando-se à sua saia) Lá vem ele, mamãe, lá vem ele... Que medo! que medo! que medo!...

MÃE

(Desiludida) Pluft!...

PLUFT

Mas ele é enorme, mamãe!

MARIBEL

(Pondo a mordaza e sentando-se na cadeira) Depressa, para ele não desconfiar... *(Pluft e a mãe ajudam)*

com grande aflição a amarrar a menina enquanto já se ouve o canto do Perna de Pau.)

PERNA DE PAU

A menina Maribel... bel... bel...
Tem os olhos cõr do céu... céu... céu...
E os cabelos cõr de mel... mel... mel...

(Pluft e a mãe desaparecem. O marinheiro entra com um castiçal.)

PERNA DE PAU

Ah! (Tira a mordaca da menina) Você ainda está acordada, minha bela? Pois agora podemos procurar a noite toda... Trouxe três velas... De manhazinha sairemos para navegar... navegar... navegar... (Olhando para o encosto da cadeira) Que é isto? O laço afrouxou? (Deixa o castiçal e começa a apertar o laço. Pluft, nas pontas dos pés, apaga a vela e corre de novo para o seu lugar; a cena escurece) Oh! O vento apagou a vela. (Tira uma caixa de lâmparas do bolso e torna a acender a vela) Vamos começar a busca. (Ilumina uma velha espada que está pendurada na parede) Ah! Cá está a espada do Capitão Bonança! Agora é minha. (Pega a espada, baixa o castiçal e simula uma luta de esgrima, depois, satisfeito, coloca a espada na cintura. Torna a segurar o castiçal e, sempre procurando, dirige-se para o lugar onde está Pluft [atrás da cortina].)

MARIBEL

Ai!

PERNA DE PAU

(Virando-se para ela) Que é? (Pluft aproveita o momento e torna a apagar a vela) Apagou de novo! O que foi, hein, menina?

MARIBEL

(Disfarçando) Estou com medo...

PERNA DE PAU

Mêdo? Perto do Capitão Perna de Pau? (Risada) Ah! ah! ah! Foi vento (Acende de novo) Nem vento pode com o Capitão Perna de Pau. Pergunta ao mar, se eu tinha mêdo de vento. (Lá fora o vento começa a soprar) O vento é que tem mêdo de mim. (Ouve-se uma grande trovoadá com ventos fortes. É o vento protestando. Perna de Pau estremece e corre para a janela para se desculpar) Eu estava brincando... eu estava brincando. (O vento cessa. Perna de Pau dirige-se ao baú do tio Gerúndio) Ah! Aqui está o baú do velho Bonança. Onde é o lugar de guardar tesouros? (Demonstrando muita lógica) Lugar de guardar tesouros é baú, ora! (Começa a abrir o baú, e quando aproxima a vela, Maribel grita de novo.)

MARIBEL

Ai!

PERNA DE PAU

O que foi, hein, menina? (Quando êle se vira para Maribel, Gerúndio se levanta e sopra a vela) De novo! Raios me partam! Sacripanta! Com um marinheiro honesto não se brinca!

PLUFT

Obrigado, tio Gerúndio.

PERNA DE PAU

Quem falou ai? (Corre para onde está Pluft.)

GERÚNDIO

(Erguendo-se do baú) Não amola não, sim? (Torna a deitar-se. Quando Gerúndio fala, Perna de Pau olha para o lado do baú e Pluft torna a apagar a vela.)

PERNA DE PAU

(*Correndo de um lado para o outro amedrontadíssimo*) Quem está aí? Quem está aí? Não tenho medo de ninguém, estão ouvindo? (*Pluft e tio Gerúndio começam a rir acompanhados de outras gargalhadas de foga de cena*) Quem é que está rindo de mim? Quem é que está rindo de mim, já disse. (*Pausa. Cessa o riso*) Acho que estou ficando doido... Voltarei quando o sol nascer. Quero ver quem pode apagar o sol. O sol ninguém apaga, estão ouvindo? Vamos, menina, amanhã bem cedo voltaremos. (*Desmarrta Maribel com muita pressa e nervosismo*) Quero ver quem pode apagar a luz do sol... O sol ninguém apaga, nem vento, nem... (*saindo*) fantasmas! (*Gerúndio levanta e dá uma enorme gargalhada. Perna de Pau sai assustadíssimo puxando Maribel.*)

PLUFT

Coitadinha... Coitadinha... Coitadinha... Lá vai ela puxadinha por aquele bruto... Seu cara de gente! Ela está tão branquinha que até parece fantasminha... Que gracinha! (*Dando socos no ar com muita energia*) Vou pegar aquele bruto, dar um sóco nele... Mamãe, precisamos salvar a menina!

MÃE

(*Entrando*) Se ao menos pudéssemos saber onde está o tesouro!

PLUFT

Só tio Gerúndio sabe.

MÃE

Que é que adianta ele saber? Só quer dormir...

PLUFT

Xisto também sabe.

MÃE

É mesmo.

PLUFT

(*Para o público*) Xisto é meu primo, fantasma de avião. (*Chamando*) Xisto! Xisto! (*Olham para cima. Ouve-se barulho de avião se aproximando.*)

MÃE

(*Sempre olhando para cima*) Xisto, você sabe onde está o tesouro do falecido capitão Bonança?... O quê? (*barulhos de bôlhas*) Fale mais alto, ou então, desce!

PLUFT

Ele fica enjoado quando desce. O quê? Ele está falando em fantasma. Pode falar português, Xisto, todo o mundo aqui é amigo. (*A platéia*) Ele é muito desconfiado. Está dizendo que quem sabe onde está o tesouro é a prima Bôlha. É bem capaz, Prima Bôlha trabalha na polícia secretíssima...

MÃE

(*Que durante a conversa de Pluft com a platéia ficou conversando com Xisto em fantasma*) Obrigada, Xisto, vou telefonar já, já para prima Bôlha. (*Corre ao telefone*) Zero, zero, zero, zero. Alô! Quer fazer o favor de chamar dona Bôlha de Sabão. Alô! Prima Bôlha, querida, antes de mais nada quero avisar que amanhã é a reunião das senhoras fantasmas para incentivar o intercâmbio cultural entre gente e fantasma. (*Barulhos de bôlhas muito agitadas.*)

PLUFT

(*Que está aflitíssimo*) Anda, mamãe. Não temos tempo a perder. Deixa de falar difícil e entra logo no assunto. (*Um relógio bate três horas*) Três horas da ma-

nhã! Está vendo? Coitadinha da Maribel... Não agüento mais. Vou sozinho ao mundo salvar minha amiga...
(*Trepa na janela e fica parado, a olhar, enquanto a mãe fala rapidamente fantasmês no telefone. Ouve-se bem longe a canção do Bonança*) Mais gente, mamãe! (*Corre pela cena agitado*) Os três amigos da Maribel. Só pode ser... Que animação!

MÃE

(*Agitadíssima*) Visitas! Pastéis! Pastéis! (*Sai.*)

PLUFT

Que medo, que coragem... Nem sei. (*Sai.*)

(*A canção aumenta e surge como no prólogo os três marinheiros.*)

SEBASTIÃO

Deve ser aqui! Veja no mapa, Julião!

JULIÃO

Veja você, Sebastião. (*Troca o mapa pela vela de Sebastião.*)

JOÃO

(*Com o mapa*) Uma casa perdida na areia branca perto de um mar verde... Deve estar perto... Pega a luneta, Julião!

JULIÃO

Estou vendo um mar calmo com alguma espuminha branca...

SEBASTIÃO

Então vamos!

JOÃO

(Desanimado) Já andamos muito... Pobre Maribel! Maribel é a neta...

SEBASTIÃO

Pobre Maribel! Pobre da netinha do grande capitão Bonança!

JULIÃO

Precisamos salvar a neta do nosso grande capitão Bonança!

JOÃO

(Tremendo de medo) Precisamos achar o tesouro da neta do grande capitão Bonança!

SEBASTIÃO

Viva o grande capitão Bonança!

TODOS

Vivaaaaaaaaa!

SEBASTIÃO

(Para Julião) Vamos!

JULIÃO

(Para João) Vamos!

JOÃO

(Com voz leuquinha para alguém imaginário)
Vamos!

(Os três recomeçam a cantar entrando na cena muito desconfiados. Procuram um pouco; João com muito medo, vai saindo até aparecer de novo na "avant-scène".)

SEBASTIÃO

Deve ser aqui mesmo. Veja no mapa, João. *(Não o encontrando, sai a procurá-lo e vai pegá-lo fugindo)*
João!

JOÃO

Pronto, Sebastião! *(Faz continência.)*

SEBASTIÃO E JULIÃO

Um por todos e todos por um, vamos! . . .

JOÃO

Vamos! *(João tenta fugir de novo, mas é agarrado por Sebastião.)*

JULIÃO

Pobre Maribel! Temos que ajudar os nossos amigos!

JOÃO

Temos?

SEBASTIÃO

(Com certo medo também) Então, vamos primeiro estudar o mapa. *(Sentam-se no proselânio e estudam o mapa. João, que segura o lampião, está tremendo de medo)* Uma casa velha perdida na areia branca, perto do mar verde . . .

PLUFT

(Sem ser percebido pelos marinheiros que continuam observando o mapa) É aqui . . . é aqui . . . são eles . . . são eles, mamãe . . . os amigos de Maribel! . . . Agora eles podem salvar Maribel!

MÃE

(Atravessando a cena, afobada) Preciso contar tudo à prima Bólha . . . *(Desaparece.)*

PLUFT

Mamãe! Estou com medo! *(Segue a mãe)* Eles não vão me pegar, não?

MÃE

(De fora) Claro que não, filhinho. Estes são amigos. *(Pluft volta e espera, solenemente sentado no meio da cena.)*

SEBASTIÃO

(Levantando-se) Vamos! *(Meio amedrontados e cantarelando a canção do Bonança para criarem coragem, eles tornam a entrar em cena; um por um, ao darem com Pluft, levam um bruto susto e se agarram em fila indiana rodeando o fantasma.)*

SEBASTIÃO

Você está vendo, João?

JOÃO

Você está vendo, Julião?

JULIÃO

Você está vendo, Sebastião?

SEBASTIÃO

Estou.

JULIÃO

Estou.

JOÃO

Estou.

OS TRÊS

Um fantasma!

SEBASTIÃO

Deve ser sonho. *(Esfrega os olhos.)*

JULIÃO

Deve ser sonho. *(Mesmo.)*

JOÃO

Deve ser sonho. *(Mesmo.)*

PLUFT

Uuuuuuu! *(Os três dão um berro e saem correndo, cada qual para um lado, sendo que João desaparece pela janela; Pluft olha para eles com desprezo e sai com muita dignidade.)*

PLUFT

(Saindo) Medrosos!

SEBASTIÃO

(Voltando com cautela e olhando para o lugar onde estava Pluft) Ué! Desapareceu! Era sonho mesmo. *(Julião também observa o ambiente e concorda com Sebastião.)*

JOÃO

(De fora) Uiiiiiii!

SEBASTIÃO

(Chamando) João!

JOÃO

Pronto, Sebastião!...

SEBASTIÃO

(Correndo com Julião para a janela, joga uma corda e os dois fazem a mímica de puxar João) Precisamos salvar a neta do nosso grande capitão Bonança!

JULIÃO

Precisamos achar o tesouro da neta do grande capitão Bonança!

JOÃO

(Com voz fraca ao longe) Precisamos pegar o ladrão do tesouro da neta do grande capitão Bonança! *(Entra pela janela como se fôsse puxado pela corda)* Precisamos mesmo?

SEBASTIÃO

Viva o grande capitão Bonança!

JULIÃO

Viva o grande capitão Bonança!

JOÃO

Viva o grande capitão Bonança!

GERÚNDIO

(Abrindo o baú) Vivooooooooo! *(Os três, que estavam em lugares diferentes, correm e se abraçam no meio da cena.)*

SEBASTIÃO

Você ouviu?

JULIÃO

Você ouviu?

JOÃO

(*Tremendo e querendo fugir*) Ouvi, sim... Vamos embora!

SEBASTIÃO

(*Segurando-o*) Não! Precisamos salvar a neta do grande capitão Bonança!

(*Os três começam a caminhar olhando o ambiente e murmurando como para se convencerem: "Precisamos salvar a neta do grande capitão Bonança..." Aos poucos recomeçam a cantarolar a canção do capitão, e formando uma fila indiana, põem-se a marchar como soldados. Pluft aparece e começa a marchar atrás deles, divertindo-se à grande. Todos param de marchar e marcam passo em fila. Pluft continua a marchar e esbarra no último. João, que olha para trás, leva um grande susto e desmaia. Pluft puxa o outro que também leva um susto e desmaia, e por fim faz o mesmo com o terceiro, Sebastião, que também desmaia.*)

PLUFT

Oh! mamãe, os marinheiros se desmancharam...

(*João, quando volta a si, dá com Pluft observando-o; começa a tremer e sai correndo, mas dá com a mãe que vem entrando e torna a desmaiar.*)

MÃE

Que gente mais medrosa, meu Deus! Uns homens deste tamanho com medo de um fantasma. No meu tempo de teatro conheci muita gente mais corajosa do que estes aí... (*A senhora Fantasma atravessa o palco pulando os desmaiados*) Coitadinha da Maribel. Arranjou cada amigo!...

PLUFT

(*Observando Julião, que começa a acordar*) Este também está vindo! Marinheiro... Marinheiro...

JULIÃO

(*Esfregando os olhos sem ver Pluft*) Hein? Hein? (*Começa a levantar-se, apoiando-se em Pluft*) Precisamos salvar a neta do nosso amigo o capitão Bonança!

PLUFT

Precisamos sim. E eu posso ajudar, marinheiro. Também sou amigo de Maribel, sabe? O Perna de Pau esteve aqui e...

JULIÃO

(*Que ficou estatelado, afasta-se de um salto, não acreditando no que vê*) Meu Deusinho do céu! Bebi tanto que já estou vendo coisas na minha frente... Bem que minha mãe dizia que um homem não deve beber demais... Juro que estou vendo coisas. Oh! vejo monstros à minha frente... Sebastião! Sebastiãozinho! Estou vendo monstros, fantasmas... assombração...

PLUFT

Marinheiro bôbo, sem educação! Monstrinho é você, seu cara de gente! Vou contar à mamãe que você me chamou de monstrinho. (*Sai.*)

JULIÃO

(*Procurando acordar Sebastião*) Estou ouvindo coisas, Sebastião... Coisas...

SEBASTIÃO

Quem está vendo coisas aí? Oh! Acho que bebemos demais...

JULIÃO

Esta casa é mal assombrada...

SEBASTIÃO

Mas foi aqui que o capitão Bonança escondeu o tesouro . . . Precisamos salvar Maribel . . . Vamos esperar o Perna de Pau.

JULIÃO

(Continua a procurar) Juro que vi.

SEBASTIÃO

De novo?

JULIÃO

Um monstrinho à minha frente, falando coisas . . . Deve ser a bebida . . . *(Enxuga a testa, sentando-se no baú. Sebastião tenta acordar João.)*

SEBASTIÃO

Acorda, João. Precisamos salvar a neta do capitão Bonança.

JULIÃO

Precisamos mesmo, Sebastião?

SEBASTIÃO

Claro, Julião; ele era o nosso capitão!
(Julião dá mostras de que está sentindo qualquer coisa no baú. O baú começa a se mexer.)

JULIÃO

Ui . . . Ui . . . Ui . . . *(Levantando-se)* O que é que há neste baú? *(O baú se abre e aparece Gerúndio.)*

GERÚNDIO

(Muito calmo) Quer fazer o favor de não se sentar em cima de mim? *(Torna a abaixar a tampa com digni-*

dade. Julião, completamente sem fala, tenta avisar Sebastião por meio de gestos e de urros, apontando freneticamente para o baú.)

SEBASTIÃO

O que é que há com você, homem? Perdeu a voz? Está sem fala. *(Sacode Julião)* No baú? Nunca vi homem mais medroso do que você. Eu sim é que sou um bocado corajoso e . . . *(Abre o baú.)*

GERÚNDIO

(Tornando a se levantar) Parem de me amolar!
(Mesmo jôgo de perder a fala. Acordam João e tentam explicar. João não entende nada e começa a tirar das curas e dos gestos dos companheiros. Depois se aproxima também do baú, sempre rindo, e, antes de poder levantar a tampa, surge Gerúndio, meio caceteado.)

GERÚNDIO

Será possível! *(Torna a fechar a tampa.)*

JOÃO

Uiiiiii!

(Os três, sem fala, saem correndo, procurando gritar.)

OS TRÊS

Socorro! Socorro! Socorro!

PLUFT

(Entrando com a mãe) Eles me chamaram de monstrinho, mamãe . . .

MÃE

Está aí uma coisa que não admito . . . Confundir-nos com monstrinhos . . . Há que salvar a dignidade da família. Onde estão eles?

PLUFT

(*Da janela*) Foram-se embora. E agora, mamãe, quem vai salvar a Maribel?

MÃE

(*Andando de um lado para o outro, muito aflita*) Temos que dar um jeito... temos que dar um jeito. (*Pára e tem uma idéia*) Vou telefonar de novo para a prima Bólha!

PLUFT

Lá vem o dia nascendo, mamãe. E vem chegando também o Capitão Perna de Pau com a Maribel. Depressa...

MÃE

(*No telefone*) Bólha querida, sou eu de novo... O quê? Sim... Sim... Está bem, então eu fico encarregada dos pastéis de vento? ... sei... sei... e dos suspiros? ... Música? Ah! Eu adoro música, querida; que ótimo! No tempo do finado, sabe, fazíamos sempre muito quarteto, muito quinteto, muito sexteto, muito oiteto... ah! Quem vai cantar é a Aerofagia?!...

PLUFT

(*Cada vez mais aflito*) Mamãe, lá vêm eles, deixa de conversa mole... (*Para o público*) O defeito de mamãe é falar demais ao telefone...

MÃE

Ah! Bólha querida, é para te pedir de novo o favor de dizer onde é... alô?! Cortaram a ligação... Alô? Oh! meu Deus! Precisamos fazer alguma coisa. (*Pausa*) Acho que vou fazer pastéis! (*Sai.*)

PLUFT

Só o tio Gerúndio pode salvar a menina! (*Abre o baú*) Tio Gerúndio, se você ajudar a salvar a menina, mamãe disse que faz para você mil pastéis de vento!

GERÚNDIO

(*Levantando-se*) Pastel?! (*Desanima e volta a dormir bocejando.*)

PLUFT

Nem pastel adianta mais, meu Deus! Quem sabe falando na noiva dele? Titio, quem lhe pede para ajudar a menina é a sua noiva, a senhorita Naftalina Vaporosa. (*Gerúndio fica de pé, põe a mão no coração, sorri, mas o sono é mais forte e ele torna a deitar.*)

GERÚNDIO

Naftalina Vaporosa!

PLUFT

Tio Gerundinho, será que o seu coração, que era tão bom, já está virando teia de aranha? Tio Gerúndio, estamos querendo salvar a neta do seu amigo, o Capitão Bonança Arco-Iris!

GERÚNDIO

(*Ao ouvir o nome do Capitão Bonança, Gerúndio dá um salto, saindo do baú*) Quem falou no meu amigo, o Capitão Bonança?

JULIÃO

(*Animadíssimo*) O Capitão Perna de Pau quer roubar o tesouro dele.

GERÚNDIO

Bandido!

PLUFT

(No meio da maior aflição, muito contente) O Perna de Pau vai levar a neta Maribel do Capitão Bonança para o mar . . . navegar, navegar, navegar e casar com ela. Ela chorou muito e não quer ir não mas o tesouro está aqui e ele vem aí agora . . .

GERÚNDIO

Quem vem aí?

PLUFT

O Capitão Perna de Pau, titio.

GERÚNDIO

O Perna de Pau é o pior bandido do mundo. Conheço muito bem aquele ladrão de sardinhas . . . roubou todos os peixes do mar morto e agora quer o tesouro, hein? Pois ele vai ver . . . (Tira um apito e começa a apitar para a janela.)

PLUFT

Viva o tio Gerúndio! Isto é que é fantasma!

GERÚNDIO

Xisto! Xisto! (Ouve-se um barulho de avião e Xisto cai do teto, em marionetes, vestido igual a tio Gerúndio, com uma gola de marinheiro em cima da roupa de fantasma.)

GERÚNDIO

Vamos chamar o primeiro batalhão de marinheiros fantasmas. Temos um servicinho para o nosso capitão Bonança. A neta d'ele está em perigo . . . Vamos acabar com a coragem daquele ladrão de sardinhas . . . Marinheiro de banheira. Vamos! (Ouve-se ao longe uma corneta e

um tambor chamando os marinheiros-fantasmas. Xisto torna a subir. Gerúndio põe o chapéu do velho Bonança, mas neste momento começa a ter sono de novo e deita na beica do palco.)

MÃE

(Chega com uma bandeja e, ao ver Gerúndio querendo voltar a dormir) Não! Toma, Gerúndio, feitos agorinha mesmo com o melhor vento sudoeste!

GERÚNDIO

(Levantando-se atraído pelos pastéis) Vento sudoeste (prova um) bem salgadinhos, Deliciosos! (Ouve-se de novo a clarinada) O batalhão me espera! (Gerúndio vai até a janela mas ainda volta duas vezes para comer mais pastéis. Depois sai pela janela.)

MÃE

Vamos preparar mais pastéis para o batalhão! Meu Deus, quanto trabalho!

PLUFT

Este tio Gerúndio é o maior!

(Ouve-se o canto do Perna de Pau. Pluft e a mãe desaparecem.)

PERNA DE PAU

(Entrando com Maribel, depois de acabar o canto) Agora está claro como o dia. Claro, ora, pois é dia, ora . . . (Ri de si mesmo. Empurra a menina, vai até a janela e canta) Viva o sol do céu de nossa terra! Vem surgindo atrás da linda serra! (Parando de cantar bruscamente) Ora, lugar de tesouro é baú . . . ah! ah! ah! Está vendo, minha bela, tudo agora está calmo . . . Podemos procurar tranqüilamente . . . (Ouve-se a corneta ao longe, chamando

do os marinheiros do mar; Perna de Pau instintivamente se perfila fazendo continência) Ora, pensei que estivesse no meu navio! Que é isso? Manobras no mar? (*Vai até a janela e pega uma luneta*) Mas não vejo nenhum navio ao largo . . . que vento esquisito está soprando na praia . . . (*Enquanto ele espia pela luneta, Pluft corre e fala qualquer coisa ao ouvido de Maribel e desaparece deixando Maribel muito contente.*) Deve haver algum navio pelo pórtico . . . (*pausa*) O dia de meu navio chegará . . . Vamos ao tesouro. Vamos ao baú . . . Agora vou dar o golpe do baú . . . (*Ri de si mesmo. Depois abre o baú, tira um travessão de matéria plástica e panos, que vai jogando para trás. Junto com os panos vem uma chave que Pluft apanha rapidamente e entrega-a a Maribel. Maribel, muito aflita, exhibe a chave ao público, enquanto Perna de Pau descobre o tesouro*) Lá está ele! lá está ele! É meu tesouro . . . (*Tira o cofre com muito cuidado, acaricia-o, ninando-o como se fosse uma criancinha: dorme nenen . . . Coloca-o sobre um banquinho e tenta abri-lo*) A chave! Deve estar por aqui . . . (*Começa a procurar, vai ao baú e descobre uma chave*) Achei . . . achei a chavinha do meu tesourinho! Era uma vez um marinheiro que recebeu um tesouro . . . (*Tenta abrir o cofre com a chave e não consegue*) Não é esta! . . . Quem viu a chave do cofre? Quem viu? Quem achar eu dou um pouquinho do meu tesouro . . . Um pouquinho só . . . porque vocês sabem, não é! eu preciso muito deste tesouro . . . Dez cruzeiros, está bem? Ninguém quer? Vinte cruzeiros? Ninguém? Vinte e dois cruzeiros e cinquenta centavos e nada mais! (*Furioso, Perna de Pau procura a chave de gatinhas pela cena*) Meu tesourinho, espera um minutinho, sim? Venho já te libertar deste cofre. (*A platéia*) Onde está a chave? Trinta cruzeiros . . . mais eu não posso dar . . . esperei dez anos, compreendem? (*pausa*) Mas posso dar a neta do Capitão, está bem? Gordinha e bonitinha. Onde está a chave? Onde está a chave? . . . (*De gatinhas ele sai de cena sempre dizendo "Onde está a chave?"*)

PLUFT

(*Aparecendo*) Depressa, Maribel! Venha se esconder aqui conosco enquanto tio Gerúndio não volta com os fantasmas do mar. A chave está conosco, o tesouro está salvo! (*Os dois desaparecem.*)

(*Ouve-se a canção do Bonança. Surgem os três marinheiros, desta vez armados com rédes de caçar borboletas. Eles entram tomando ares de grande coragem, mas cantam a canção com voz trêmula e lenta.*)

SEBASTIÃO

Viva o grande capitão Bonança!

OS DOIS

(*Sem muita convicção*) Vivooooo!

(*Os três procuram por todo lado, dando finalmente com o tesouro.*)

OS TRÊS

O tesouro!

(*Neste momento volta o Perna de Pau de gatinhas e, sem vê-los, rodeia-os por entre as pernas, deixando os marinheiros estatelados.*)

PERNA DE PAU

A chave. Preciso encontrar a chave . . . (*Continua sem ver os marinheiros e desaparece de gatinhas.*)

OS TRÊS

(*Recuperando do susto*) O marinheiro Perna de Pau!

PERNA DE PAU

(*Voltando*) Pelo amor de Deus! Procurem a chave . . .

OS TRÊS

A chave?!

PERNA DE PAU

A chave do meu tesourinho.

OS TRÊS

Oh!

PERNA DE PAU

(Já de pé, puxando os três para o proscênio.) Quem achar a chave para mim, eu dou a neta do Capitão Bonança!

OS TRÊS

Bandido! É agora que vamos te pegar, ladrão de tesouro! Onde é que você prendeu a Maribel? Anda! Fale!

PERNA DE PAU

(Só então percebendo que está em frente dos três.) Uiiii! . . . *(Os três marinheiros dão grande surra com as rédes, no Perna de Pau, enquanto se ouve a corneta dos marinheiros-fantasmas. Os quatro se perfilam. Entra Pluft.)*

PLUFT

É o tio Gerúndio com os marinheiros-fantasmas! *(Os quatro começam a tremer. O Perna de Pau desmaia, enquanto caem do teto vários fantasmas-marionetes fazendo grande barulho e confusão em cena. Os três, cambaleando, vão desmaiando uns por cima dos outros. No meio da confusão, Pluft, Maribel, senhora Fantasma e Gerúndio dão as mãos ao fantasmas do mar e cantam em roda: "Eu fui no Tororó beber água não achei".)*

GERÚNDIO

(Apitando) Fantasmas ao mar! . . . *(Ouve-se o tambor e a corneta e os marinheiros-fantasmas do mar sobem.)*

GERÚNDIO

(Dirigindo-se ao Perna de Pau, que começa a levantar.) Levanta, seu medroso!

PERNA DE PAU

O fantasma do navio do Capitão Bonança! . . . Eu só queria a chave do cofre. . . *(quase chorando.)*

PLUFT

A chave está aqui, títo.

GERÚNDIO

Abra o cofre, Pluft.

(Pluft abre o cofre, enquanto Perna de Pau se precipita, arreda Pluft e tira do cofre um tetrato, um papel e um rosário.)

PERNA DE PAU

O retrato da neta Maribel! *(Joga o retrato em cima de Maribel, que está ajoelhada perto de Pluft)* Uma receita de peixe assado! *(Joga a receita)* Um rosário! *(Faz o sinal da cruz com muito medo e levanta o rosário, deixando-o cair nas mãos de Pluft. Depois volta com avidez ao cofre)* E o dinheiro? E o dinheiro?

GERÚNDIO

O dinheiro está no fundo do mar. . . Pode ir buscá-lo, Perna de Pau. *(Gerúndio apita. Ouve-se o toque da corneta)* Os fantasmas do mar vão levá-lo ao tesouro que

está enterrado no fundo do mar... (Os fantasmas tor-
nam a descer.)

PERNA DE PAU

Não! Não! Não! Fantasmas não!... Fantasmas
não!... (Empurrado pelos fantasmas, Perna de Pau re-
cua até a janela e desaparece. Os fantasmas se recolhem.)

MÃE

(Surgindo com uma bandeja) Esperem! Esperem!
Pastel de vento para todos! Pastel! (Também desaparece
pela janela enquanto ainda se ouve sua voz gritando:
Pastel!... Pluft e Maribel olham pela janela. Gerúndio
boceja e volta ao seu baú. No proscênio começam a des-
pertar os três marinheiros.)

JOÃO

Maribel!

MARIBEL

João! (Os dois se abraçam no meio da cena. João
torna a recuar e Maribel vê Julião) Julião!

JULIÃO

Maribel! (Julião se afasta, Maribel vê Sebastião.)

MARIBEL

Sebastião!

SEBASTIÃO

Maribel! (Mesmo jôgo.)

(Pluft, muito contente, também se aproxima para
ser abraçado mas os três se afastam com medo.)

PLUFT

Ei!!

OS TRÊS

(Medrosos) Ei!

PLUFT

(Depois de uma pausa) Viva gente!

MARIBEL

Viva fantasma!

PLUFT

Viva gente!

TODOS

(Dando as mãos e fazendo uma roda em volta de
Pluft) Viva fantasma!

PLUFT

(No meio da roda) Viva gente!

GERÚNDIO

(Saindo do baú) Viva o grande capitão Bonança!

TODOS

Vivaaaaa! (Todos, sentados no chão, batem pal-
mas, enquanto Gerúndio descobre o retrato do grande ca-
pitão pendurado na parede, logo acima do baú e coberto
por uma rede.)